Vitória? Paz.

«É a tua vez.»

Sentados num campo de relva, dois jovens debruçavam-se sobre um tabuleiro de xadrez. A de cabelos negros e vivos, franzia o sobrolho ao ver o jogo inacabado e mexia-se impaciente, fitando o companheiro com antecipação. O rapaz era franzino, de tez escura e ar infantil, de olhos perspicazes e bondosos.

Devagar, o rapaz levantou a cabeça, revelando uma sabedoria que contrastava com o ar juvenil, e os seus olhares cruzaram-se.

«Estou a pensar.»

«Pensa mais depressa e decide.»

«Decido?»

«Sim! Anda lá…»

O rapaz abriu a boca para protestar. Pensando melhor, não valia a pena. Niké não se importava com nada mais sem ser ganhar e tudo o que se colocasse à sua frente era varrido do caminho.

As peças estavam espalhadas pelo campo de batalha, de ambos os lados. Os mortos, alinhados nas margens do tabuleiro, fantasmas invejosos, assombravam os vivos. Verdade seja dita que não tinha havido muitas perdas. Eram ambos bons no jogo.

Uma olhadela rápida disse-lhe que Niké estava a perder. Na sua ânsia de ganhar, era descuidada e impulsiva, caindo facilmente em armadilhas. Se quisesse, poderia ganhar o jogo em duas jogadas: *zás…* xeque-mate. Por momentos, tentou imaginar como seria… ganhar. Achava que ele e Niké tinham maneiras diferentes de definir vitória.

Só existiam eles e o campo. Niké nunca perdia… e ele nunca ganhava, embora não lhe faltassem oportunidades. Sempre lhe parecera absurdo ser um obstáculo à alegria da amiga: Niké vivia para ganhar, alimentava-se da vitória, assim como ele se alimentava da paz da euforia que o rodeava.

«Vamos! Não tenho o dia todo…»

Ela pensava que ia ganhar. Já imaginara as três jogadas seguintes, as duas últimas em que encostaria o rei entre a espada e a parede, *xeque*, a derradeira estocada, *mate*… faltava-lhe perspetiva. No início do jogo já tinha as jogadas preparadas: uma sequência de voltas e reviravoltas que acabariam com a vitória inevitável. O problema era que, tão concentrada no que estava a fazer, não reparava no que acontecia à sua volta. Por exemplo, não tinha reparado como o amigo estava a uma jogada de fazer xeque, bastando-lhe mover um humilde peão… Niké tinha tendência para ignorar as pequenas coisas.

«Anda lá, Ethos! Decide!»

Ethos imaginou-a a deitar fumo dos ouvidos como se lembrava de ver nos *cartoons*.

«Não sei… não consigo decidir.»

«Então joga qualquer coisa!»

O rapaz observou com atenção o prematuro sorriso triunfante da amiga e voltou a olhar para o tabuleiro. Para ele, a verdadeira vitória não estava em fazer xeque-mate. Para ele, o triunfo era entrar em campo, sentir os nervos de não deixar a equipa mal e a alegria explosiva de ser livre. Gostava de acreditar que os jogadores eram reais e que, nalgum universo alternativo, as peças que movia no campo dourado tinham um coração que batia e corriam, ofegantes e delirantes com a alegria de viver, impulsionados pelo seu triunfo.

Ethos sorriu e moveu um dos cavalos.

«Xeque», disse Niké, triunfante.

Mate, pensou Ethos, em paz.